

DESINFORMAÇÃO: O CONFLITO ISRAEL-HAMAS

João Batista de Aguiar Filho¹

1. Introdução:

Em 7 de outubro de 2023, o grupo palestino *Hamas* iniciou uma série de ataques direcionados a Israel como parte de sua estratégia denominada de Operação Inundação de *Al-Aqsa* (MOITA, 2023). Entre os alvos estavam comunidades agrícolas, conhecidas como *kibutzim*, onde residentes foram mortos, muitos deles a tiros.

Três dias após os ataques, em 10 de outubro do corrente ano, jornalistas internacionais receberam autorização das Forças de Defesa de Israel para visitarem uma dessas localidades: *Kibutz Kfar Aza*. Neste local, a jornalista *Nicole Zedek*, do canal *i24 News*, sediado em *Tel Aviv*, relatou em transmissão ao vivo ter conversado com um Comandante do Exército de Israel, o qual alegou ter encontrado bebês decapitados pelo grupo *Hamas* (O ESTADÃO, 2023).

Posteriormente, essa história se disseminou mundialmente através da mídia internacional e das redes sociais. Até mesmo o Chefe de Estado dos Estados Unidos da América, *Joe Biden*, declarou ter testemunhado tais representações visuais, uma alegação que, posteriormente, foi contestada pela administração da Casa Branca (NERY, 2023).

O grupo *Hamas*, por sua vez, negou ter decapitado crianças e agredido mulheres. Mais tarde, as Forças de Defesa de Israel mencionaram sua incapacidade para confirmar o incidente, com um porta-voz afirmando que não investigaram o caso em respeito aos falecidos (O ESTADÃO, 2023).

Num cenário caracterizado pela constante disputa por narrativas, com ampla disseminação nas redes sociais, assume notável relevância a abordagem do filósofo *Pierre Lévy*, o qual enfatiza o intrínseco potencial do ciberespaço na criação de hipertextos e hiperlinks, que, frequentemente, servem como meios de navegação não linear nas vastas correntes de informação de forma democrática (LÉVY, 1999).

Com um enfoque otimista, Lévy (1999) delinea o potencial transformador do ciberespaço, ainda que não negligencie os desafios inerentes a esse ambiente, pois, segundo ele, o ciberespaço capacita os usuários a explorar e descobrir informações de maneira flexível e personalizada. O Ministério da Defesa do Brasil, por sua vez, conceitua ciberespaço como sendo o domínio abrangente que engloba os campos da comunicação e controle, estando intrinsecamente relacionados à utilização

¹ Mestrando em Ciências Militares na ECEME.

de computadores, sistemas computacionais, redes de computadores e sistemas de comunicação, bem como à interação entre eles (BRASIL, 2015). *Matthew D'ancona* tece detalhes adicionais ao apontar que esse domínio, sobretudo as redes sociais, desempenha um papel crucial para catalisar a emergência do que ele denomina como era da "pós-verdade" (D'ANCONA, 2018). Esse termo alude à propensão dos indivíduos em aceitar narrativas que corroboram com seus "vieses de confirmação", isto é, a inclinação para aceitar informações que estejam alinhadas com suas crenças preexistentes.

Esta notícia débil sobre a atuação do *Hamas* é apenas uma das inúmeras informações incorretas a respeito do conflito entre Israel e *Hamas* que, intencionalmente ou não, circulam nas redes sociais (G1, 2023; NEWSGUARD, 2023). Ao adentrarem no campo informacional, a desinformação não possui um tempo médio definido para a sua circulação nas plataformas, pois, como enfatiza Lévy (1999), o ciberespaço é um campo de potencialidade, onde ocorre a absorção de energias potenciais que podem desencadear reações em um tempo indeterminado.

A rapidez na propagação desmentida e a capacidade de viralização nas redes sociais, com o auxílio dos *algoritmos*, serve de campo fértil para as *fake news*, pois, mesmo quando desmentidas, tem circulação ilimitada, na medida em que podem se espalhar por dias, meses e anos antes de serem mitigadas (NERY, 2023). A preocupação com o aumento da desinformação nas redes sociais, fez com que a União Europeia sancionasse a empresa Meta (*Facebook, Instagram e WhatsApp*) e a empresa X (antigo *Twitter*) para tomar medidas de mitigação da desinformação a respeito do conflito (G1, 2023).

Diante desses fatos e com base numa revisão da literatura, este artigo analisa o atual conflito Israel x *Hamas*, com o fito de compreender como o jornalismo deficiente sobre um campo de batalha pode contribuir para a desinformação nas redes sociais e nos discursos oficiais sobre os fatos ocorridos em conflitos.

2. Desenvolvimento

Historicamente, a cobertura jornalística tem desempenhado um papel de extrema importância na disseminação de informações sobre eventos sociais de significativa relevância. Esta atividade jornalística contribui para fornecer à sociedade uma compreensão holística e contextualizada das dinâmicas envolvidas, facilitando por conseguinte, o engajamento cívico e a promoção de soluções pacíficas em situações de conflito. Contudo, é imperativo ressaltar que, quando o jornalismo não é conduzido com a devida aderência aos padrões de qualidade e rigor, ele se distancia do paradigma de bom jornalismo, assumindo o rótulo de "jornalismo deficitário", o que resulta na quebra de uma promessa ética fundamental: a busca pela apuração verídica dos fatos e eventos.

Desinformação: o conflito Israel-Hamas - Panorâmico

Os incidentes ocorridos em 07 de outubro de 2023 em Israel ilustram as implicações desse desempenho deficitário, caracterizado pela falta de adequada verificação. Todavia, é necessário ressaltar que, mesmo quando tais publicações se mostram deficientes, elas ainda desempenham um papel na seleção e filtragem de informações relevantes, que, em etapas posteriores, podem ser retificadas (IRETON; POSETTI, 2019).

A repórter Clarissa Pacheco apresentou um guia cronológico detalhado do processo de disseminação durante os primeiros seis dias de circulação nas redes sociais, da seguinte informação deficitária: "**40 bebês teriam sido decapitados pelo Hamas**".

A primeira notícia a respeito dessa suposta decapitação surgiu em 10 de outubro de 2023, quando a jornalista *Nicole Zedek* afirmou que soldados israelenses haviam encontrado os corpos, porém é importante destacar que, na reportagem, *Nicole Zedek* não afirmou ter visto fotos ou corpos de bebês decapitados, mas atribuiu a informação aos militares (O ESTADÃO, 2023). A seguir, apresenta-se uma tabela que documenta os eventos ocorridos com a disseminação nas primeiras 24 horas dessa notícia deficitária.

Tabela 1 - Cronologia de 10 Out 2023 sobre a desinformação - Hamas decapitou 40 bebês

HORA E REDE SOCIAL	DESCRIÇÃO DO OCORRIDO
X (ex-Twitter) - 11:52	“A editora de Internacional da emissora francesa LCI <i>Margot Haddad</i> foi mais incisiva e disse ter confirmado a informação de que bebês e crianças menores de dois anos foram decapitados pelo <i>Hamas</i> no <i>Kibutz Kfar Aza</i> . Segundo ela, as fontes eram o Exército de Israel, o serviço interno de inteligência e imagens que ela mesma conseguiu verificar, além de relatos de jornalistas corajosos da imprensa estrangeira que puderam ver/concordaram em ver com os seus próprios olhos os corpos em <i>Kfar Aza</i> ” (O ESTADÃO, 2023).
X (ex-Twitter) - 14:31	“O relato no X feito pelo repórter <i>Charlie Peters</i> , do canal britânico <i>GB News</i> , não deixa claro se ele viu imagens ou se baseou em relatos de soldados. Escreveu que fontes oficiais haviam mostrado a ele no <i>Kibutz Kfar Aza</i> : inocentes decapitados e queimados. Bebês assassinados” (O ESTADÃO, 2023).
X (ex-Twitter) - 16:27	“A editora da TV norte-americana CBS <i>Norah O'Donnell</i> publicou no que a emissora soube que equipes de recuperação de corpos de Israel encontraram bebês e crianças decapitadas em um <i>kibutz</i> no sul de Israel” (O ESTADÃO, 2023).
X (ex-Twitter) - 17:29	“O repórter <i>Shashank Joshi</i> , que escreve para o britânico <i>The Times</i> , publicou uma reportagem sobre o massacre no <i>Kibutz Kfar Aza</i> , no sul de Israel, na qual escreveu sobre “bebês com as gargantas cortadas. Mas o relato foi atribuído a soldados: a cada poucos minutos, os soldados quebravam o silêncio para anunciar que mais pessoas mortas haviam sido descobertas. Alguns disseram que até 40 cadáveres de bebês foram encontrados entre famílias inteiras que foram mortas a tiros enquanto dormiam” (O ESTADÃO, 2023).

Fonte: O AUTOR, com base em dados do jornal O ESTADÃO, 2023.

No mesmo dia em que as reportagens estouraram na imprensa relatando o massacre de 40 bebês decapitados, o porta-voz das Forças de Defesa de Israel declarou à agência *Anadolu* que havia tomado conhecimento dos relatos sobre os bebês decapitados por meio das notícias. Contudo, ressaltou que

ainda não havia obtido a confirmação acerca da veracidade das alegações. Essa declaração foi publicada na conta oficial da agência na plataforma X. No dia seguinte, em 11 de outubro de 2023, o porta-voz das Forças de Defesa de Israel, *Jonathan Conricus*, comunicou por meio de um vídeo na plataforma X, que as Forças de Defesa de Israel possuíam "relativa confiança" nas alegações concernentes às decapitações (O ESTADÃO, 2023). Uma das redes sociais amplamente empregadas para a disseminação de desinformação acerca do conflito entre Israel e o grupo *Hamas* é a plataforma X, pelo que se evidencia a importância de uma análise crítica da informação nestes contextos.

Para que se tenha uma ideia, algumas pesquisas apontam que quase três quartos das postagens mais virais na plataforma X, promovem desinformação sobre o conflito e estão sendo promovidas por contas "verificadas". Durante a primeira semana do conflito entre Israel e *Hamas*, o *NewsGuard* analisou as 250 postagens mais engajadas que promoviam uma das 10 narrativas falsas ou infundadas proeminentes relacionadas ao conflito. Os resultados revelaram que 186 dessas 250 postagens, cerca de 74% do total, foram publicadas por contas verificadas pela plataforma X. Em março de 2023, o proprietário da rede social, *Elon Musk*, reformulou o sistema de verificação, permitindo que os usuários pagassem por uma marca de verificação azul em seus perfis e tivessem suas postagens priorizadas pelo *algoritmo* da plataforma X. Essa decisão acabou sendo um aval para os maus atores que compartilham desinformação deliberadas sobre o conflito entre Israel e *Hamas* (NEWSGUARD, 2023).

Em reportagem publicada no UOL, a jornalista Iara Diniz informou que o correspondente da *Sky News* que esteve no local, *Stuart Ramsay*, entrevistou dois militares das Forças de Defesa de Israel, sendo que um deles era o porta-voz da instituição. Fato é que nenhum deles mencionou que o *Hamas* havia decapitado ou matado 40 bebês (DINIZ, 2023). Além disso, Diniz (2023) também salientou em sua reportagem publicada no UOL, que o jornalista *Samuel Forey*, que trabalha para o *Le Monde* e o *Le Soir*, disse que não foi possível verificar se havia crianças decapitadas. Entretanto, o portal *Insider* informou que um representante das Forças de Defesa de Israel, Major *Nir Dinar*, confirmou que os bebês foram decapitados, mas não disse quantos.

Para complicar ainda mais a situação, o presidente dos Estados Unidos da América, *Joe Biden*, afirmou em uma reunião com líderes da comunidade judaica na Casa Branca ter visto evidências de que o *Hamas* havia decapitado crianças israelenses. Poucas horas após essas palavras, a Casa Branca emitiu uma correção, declarando que nem o presidente *Joe Biden* e nem as autoridades dos Estados Unidos da América, haviam verificado de maneira independente a existência de evidências fotográficas ou relatos que corroborassem suas declarações (O ESTADÃO, 2023). É muito provável que o presidente norte-americano tenha emitido suas palavras com base em informações provenientes do porta-voz do primeiro-ministro de Israel, *Benjamin Netanyahu*, bem como em relatos da imprensa

israelense.

Quando o teatro de operações se transfere para as redes sociais e para os discursos oficiais, surgem complexas dinâmicas de disseminação da desinformação. David Nemer, antropólogo especializado em tecnologia, em uma conversa com Natura Nery em seu podcast "O Assunto", ele destacou que emoções como raiva e medo exercem influência crucial na rápida propagação da desinformação (G1, 2023). Segundo David Nemer, a desinformação é especialmente eficaz quando vem carregada de tais emoções, uma vez que os indivíduos tendem a se engajar com esse tipo de conteúdo, demonstrando maior disposição para acreditar e compartilhar (G1, 2023).

Essa reação humana inata é aproveitada pelos algoritmos das redes sociais, que são desenvolvidos para priorizar conteúdos sensacionalistas e provocadores de emoções negativas. Isso ocorre porque os usuários têm maior probabilidade de interagir, curtir e comentar tais conteúdos, o que, por sua vez, mantém os usuários mais tempo nas redes sociais, expondo-os a anúncios de empresas que competem por espaço nas plataformas. Para David Nemer, o modelo de negócios das redes sociais resulta num cenário onde as plataformas deslocam a esfera de guerra informacional para um ambiente virtual, onde as pessoas, mesmo à distância, se envolvem profundamente em disputas polarizadas que se assemelham a uma guerra de informações promovida pelas redes sociais (NERY, 2023).

3. Considerações Finais

Este artigo buscou apresentar uma reflexão sobre a desinformação acidental no jornalismo, especialmente em conflitos, como o que está ocorrendo atualmente na faixa de Gaza. Embora o jornalismo seja uma fonte confiável de informação, é importante lembrar que a rápida disseminação de narrativas em larga escala no mundo atual, pode levar a casos de desinformação acidental, e isso pode alimentar a desinformação intencional. Por isso, é necessário que profissionais e a sociedade como um todo, analisem criticamente os relatos de civis e militares envolvidos no conflito, bem como as informações oriundas de agentes ligados a governos e organizações políticas, tanto do *Hamas* quanto de Israel, uma vez que ambas as partes podem construir narrativas influenciadas por seus vieses de confirmação.

Em situações de conflito, um elemento crucial reside na necessidade da sociedade em buscar fontes de informação que se fundamentam em análise respaldada por metodologias de pesquisa e evidências científicas. Nesse contexto, merece destaque a contribuição da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), que por meio do Observatório Militar da Praia Vermelha (OMPV), tem promovido ciclos de debates relacionados ao conflito entre Israel e *Hamas*. Ademais,

a mencionada instituição disponibiliza seus docentes e pesquisadores como fontes confiáveis de informação para disseminar conhecimento através dos canais de comunicação midiáticos.

Contudo, é imperativo levar em consideração que um conflito constitui em um fenômeno impregnado por componentes emocionais, onde a disseminação de desinformação ocorre de forma significativa, haja vista que na guerra, impulsionado por conotações negativas, o aspecto emocional ganha destaque.

Em vista disso, torna-se essencial que a sociedade reconheça que as plataformas de mídia social têm desempenhado um papel de magnitude considerável na amplificação dessa agitação emocional. Um dos fatos mais emblemáticos que evidenciam o papel da desinformação no atual conflito Israel x *Hamas*, reside no comportamento adotado por *Joe Biden* numa reunião com líderes da comunidade judaica na Casa Branca, momento em que afirmou ter visto evidências de que o *Hamas* havia decapitado crianças israelenses. Contudo, de forma acertada, em pronunciamento oficial, o Estado norte-americano corrigiu o presidente *norte-americano*, declarando que nem o presidente *Joe Biden* e nem as autoridades dos Estados Unidos da América, haviam verificado de maneira independente a existência de evidências fotográficas ou relatos que corroborassem as declarações emitidas por *Joe Biden* durante a citada reunião.

Em vista disso, é de extrema importância que os líderes das nações adotem uma abordagem prudente diante de tais eventos, pois quando um Chefe de Estado emite uma declaração, normalmente a informação é recebida como um fato incontestável por muitos e que qualquer retratação subsequente, possui o potencial de comprometer a credibilidade desses atores políticos e das respectivas instituições.

Referências:

BRASIL. MINISTÉRIO DA DEFESA. **Glossário das Forças Armadas**. Brasília: Ministério da Defesa, 2015.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news**. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DINIZ, Iara. **Hamas decapita 40 bebês? O que se sabe sobre massacre em vila de Israel**. UOL, 2023. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2023/10/11/hamas-decapitou-40-bebes-o-que-se-sabe-sobre-massacre-em-vila-de-israel>. Acesso em: 26 de outubro de 2023.

G1. **Por que Twitter e Meta estão sendo questionados na Europa sobre guerra entre Israel e Hamas**. G1, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/10/12/por-que-twitter-e-meta-estao-sendo-questionados-na-europa-sobre-guerra-entre-israel-e-hamas.ghtml>. Acesso em: 26 de outubro de 2023.

IRETON, Cherilyn; POSETTI, Julie. **Jornalismo, fake news & desinformação: manual para educação e treinamento em jornalismo**. Genebra: UNESCO, 2019.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MOITA, Sandro Teixeira. **Análise de Situação Conflito Israel x Hamas**. Observatório Militar da Praia Vermelha, 2023. Rio de Janeiro: ECEME, 2023.

NERY, Natuza. **Israel x Hamas - a guerra da desinformação**. Podcast, 2023. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1iLZqLC4kgBLIm2IqGc33M>. Acesso em: 26 de outubro de 2023.

NEWSGUARD. **Misinformation Monitor: October 2023**. NewsGuard, 2023. Disponível em: <https://www.newsguardtech.com/misinformation-monitor/october-2023/>. Acesso em: 26 de outubro de 2023.

O ESTADÃO. **O que se sabe até agora sobre a alegação não confirmada de que o Hamas decapitou 40 bebês**. O Estadão, 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/o-que-se-sabe-ate-agora-sobre-alegacao-nao-confirmada-de-que-o-hamas-decapitou-40-bebes/>. Acesso em: 26 de outubro de 2023.